



SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA SERVIÇO DE ESTUDOS E DIFUSÃO

SECÇÃO DE ARTE E PATRIMÓNIO

A obra de José Rodrigues (1936-2016) no Santuário de Fátima:
os Pastorinhos de Fátima, entre a profecia e a concretização

– Nota da Secção de Arte e Património por ocasião do falecimento de José Rodrigues

Está em entre as obras mais contempladas de José Rodrigues a escultura de Francisco Marto, colocada na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, no Santuário de Fátima, por ocasião da beatificação dos videntes de Fátima, no ano 2000. Tomada como escultura oficial do Pastorinho da Cova da Iria, a peça, em bronze fundido, procurou fixar a criança de Aljustrel em atitude lúdica, revelando bem a despreocupação que o escultor teve em representar um beato da Igreja através das linhas hieráticas com que, tradicionalmente, são apresentados os modelos a serem seguidos. Francisco, vidente de Fátima, pode ter estado sentado num ramo de árvore, com um pau-cajado na mão, com um anho ao colo e rodeado por aves, precisamente naquela mesma posição em que é representado pelo Escultor.

Antes de qualquer outra representação, o que se apresentou na escultura posta junto ao túmulo do vidente, diante da qual rezaram os papas João Paulo II e Bento XVI, foi a imagem de uma criança, não em fotografia, mas em sugestão do representado que, com os atributos que o acompanham, ou melhor, que o envolvem — à maneira de paisagem — se torna no Francisco de Fátima: um cordeiro, uma pequena árvore (seguramente uma azinheira), o cajado, os passarinhos, entre os quais pombas que, em Fátima, encarnam simbologia já explorada desde longa data. Algumas destas aves descem mesmo à pedra tumular do vidente e outras sobem e pousam na moldura que se faz fundo do conjunto escultórico. O bronze deixado na cor metálica não permite distinguir com toda a clareza a expressão do figurado, que pode ser de contemplação, de serenidade, de circunspeção ou de gravidade. Foi também esta uma intenção do autor habituado extrair do metal a diversidade de texturas que o material, entre o polimento e a textura, pode oferecer: o mistério que esconde um rosto procurado através da crueza e sinceridade do material.

José Rodrigues, que a crítica artística consagrará como um dos mais importantes escultores dos finais do século XX e dos princípios do século seguinte, trabalhou para o Santuário de Fátima logo em 1986, época em que a Instituição abria as suas portas aos mais importantes artistas que nesse período trabalharam em Portugal. É nessa época que concretiza uma peça que, de forma consciente, trata como profética. “A Pastorinha” — escultura de vulto redondo colocada no ‘foyer’ do Centro Pastoral de Paulo VI, representa uma criança pastora envolta num grande manto que envolve, de forma carinhosa, um pequeno cordeiro. Poderia ser qualquer criança pastora que nutre carinho por uma das ovelhas do seu rebanho, mas para José Rodrigues — embora não o pudesse dizer de forma explícita, porquanto o processo que estudava as virtudes de Jacinta Marto não havia ainda chegado ao seu termo — representava uma pastora com um nome concreto, colocando a matéria plástica ao serviço da erudição que leva a ler aquela figura como a futura Beata Jacinta. Ao inscrever o rosto da figurada sobre uma frondosa circunferência constituída pelas folhagens de uma árvore cuja copa se insinua, efetivamente, como auréola, Rodrigues dá corpo ao que a tradição eclesial reconhece à arte: um lugar para a profecia.

O Santuário de Fátima, na exposição temporária que até ao final de 31 de agosto deste ano apresenta aos seus peregrinos e visitantes, expõe ainda uma outra peça de José Rodrigues, o báculo pastoral de D. António Marto, no qual o escultor, em 2001, trabalhou um dos seus temas preferidos: Cristo Crucificado. Completamente consciente do múnus que a Igreja confere aos seus bispos, o escultor acrescenta à crossa do báculo, feito de prata e de madeira, a mais clara figuração cristológica que se possa referir à função do pontífice: Cristo na Cruz, com o lado aberto, de onde brotam as fontes da salvação, estende um dos braços à terra e levanta o outro braço ao céu, estabelecendo-se assim como ponte entre a realidade terrestre e as coisas do alto. Envolve-se esta cena num entrelaçado de cachos de uvas, em alusão clara ao mistério da Cruz que os cristãos leem entrelaçado com os mistérios da Igreja, cuja definição se colhe, a partir da palavra sagrada, na expressão “vinha do Senhor”. Não se esqueceu José Rodrigues — quiçá à maneira de profecia — de, no báculo do que viria a ser o bispo de Fátima, figurar o rosto de Maria aos pés do Cristo Crucificado, tema que, amplas vezes, representou em tantos desenhos nos quais também gravou o momento do Calvário.

Santuário de Fátima, 10 de setembro de 2016

Marco Daniel Duarte

Diretor do Museu do Santuário de Fátima